



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **O ESPECTRO DO CRESCIMENTO: CONTATO, COMUNICAÇÃO, INDEPENDÊNCIA, PRODUTIVIDADE, AUTONOMIA, IDENTIDADE**

**Sandra Mara Dall’Igna Volpi**

### **RESUMO**

Corpo e mente, conectados, são vistos na Psicologia Corporal sob o prisma do fluxo energético que lhes perpassa. Da concepção à formação do caráter, corpo, mente e energia dão o tom e a direção de um enraizamento que nos guia desde o contato – conosco mesmos, com o mundo ao nosso redor, com outras pessoas, com a natureza... – até o estabelecimento de uma identidade única (do ponto de vista de sua peculiaridade) e múltipla (considerando-se suas variadas facetas). Neste artigo, são apresentadas as etapas do desenvolvimento psicoemocional, as quais se fazem presentes nos primeiros anos de vida e se reproduzem no processo psicoterápico, direcionando o cliente à conquista de si mesmo, de suas emoções, de sua expressividade e vitalidade.

**Palavras-chave:** Corpo. Desenvolvimento psicoemocional. Psicologia Corporal.

.....

Quando observamos o crescimento físico de um indivíduo, esteja ele no útero materno ou vivendo os dias de sua infância e puberdade, constamos uma progressão em seu peso, em sua estatura, em seu volume corpóreo. Se ampliamos nosso foco de observação e incluímos a cognição, no sentido que lhe cabe ao promover a apreensão do mundo, estaremos frente a frente com a aquisição, o refinamento e a manutenção de habilidades, na interação do indivíduo com o ambiente a seu redor, estabelecendo aprendizagens. Já em termos emocionais, o crescimento liga-se ao amadurecimento, ao desenvolvimento, focalizado de maneira particular nos vínculos estabelecidos entre pessoas, que modulam uma forma única e típica de se relacionar.

Assim, o crescimento de um indivíduo, da concepção às etapas finais de sua vida, é demarcado por sucessivos momentos de mudança. Da fusão com o organismo materno, nasce a possibilidade de estabelecimento de um indivíduo único, independente e autorregulado. Por meio do funcionamento particular de seu organismo, o qual inclui tanto aspectos fisiológicos quanto psicológicos,



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

revela-se seu temperamento e, da interação com seu entorno – adicionando-se dessa maneira, aos aspectos fisiológicos e psicológicos, também os sociais –, delinea-se uma personalidade e um caráter específicos. O caráter, por sua vez, será observável em seu corpo – instância última do contato e da interação entre indivíduo, mundo interno e mundo externo – na medida em que se adapta ao meio, desenvolvendo padrões de tensão perante situações de ameaça, ou mantendo-se saudável o tônus muscular, quando a segurança é preservada. O caráter também transparece na forma do indivíduo agir e reagir (REICH, 1998; VOLPI, 2004) e nas particularidades que assumem os vínculos que estabelece – consigo próprio e também com o ambiente em que se insere.

Crescimento e desenvolvimento são então sinônimos de progressão, evolução, expansão, aperfeiçoamento. As aquisições nesse processo evolutivo são de vários níveis – do motor ao afetivo, passando pelas conquistas intelectivas, e levando a uma mútua adaptação entre indivíduo e sociedade.

A Psicologia Corporal é porta-voz de uma visão do crescimento que engloba corpo, mente e energia. Crescer, nesse sentido, é um processo fisiológico, cognitivo e emocional, não havendo hierarquia entre esses processos ou a concepção de uma maior importância de um em detrimento dos demais. Enquanto o corpo cresce e o organismo aperfeiçoa-se, a emoção e a razão também amadurecem, havendo entre essas instâncias uma ligação intrínseca, representada, segundo esta abordagem, pela energia.

A compreensão do funcionamento da natureza em termos de energia é, na teoria da Psicologia Corporal, um recurso atemporal na apreensão das nuances do desenvolvimento humano. Como natureza, o ser humano também é energia. Esta flui concomitantemente ao crescimento orgânico do ser humano ou depara-se com bloqueios, erigidos como defesas ao longo dos períodos gestacional, da infância e da adolescência, que atingem igualmente psiquismo e corpo.

Ao falar em energia, lança-se mão do conceito de autorregulação, que, em termos reichianos (1983), é compreendido como a força do organismo livre de encorajamentos e biopatias para reconhecer em si as necessidades naturais e operar sobre o meio de forma a alcançar a satisfação de tais



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

necessidades. Infelizmente não demora a ocorrer que qualquer ser humano perca tal capacidade, dada a educação compulsiva a que é submetido em sua infância e adolescência.

No início da vida de um bebê, a energia está inteiramente voltada para o seu crescimento físico, crescimento este que é próximo-distal (do interno para o externo) e céfalo-caudal (da cabeça em direção aos pés). O desenvolvimento físico, que jamais pode ser visto em separado do desenvolvimento psíquico, do social ou do cognitivo, direciona a energia para pontos no corpo que, sucessivamente, carregam-se, encontram-se com as respectivas funções vitais, assumem componentes afetivos e finalmente podem se descarregar.

Desde Freud (1987) descrevem-se relações entre as funções vitais, o caminho da erogeneidade e o desenvolvimento da sexualidade: amamentação, boca e prazer no chuchar; controle esfinteriano, esfínteres anal e vesical e prazer na retenção e no controle da urina e das fezes; genitalidade, órgãos sexuais, descoberta da diferença sexual anatômica, prazer na masturbação e, mais tarde, na relação genital.

Especifiquemos estas ideias: a sexualidade humana, nos primórdios de seu desenvolvimento, é constatada como uma função que nasce apoiada em uma das funções somáticas vitais – fome, sede, excreção – tornando-se sua satisfação gradativamente independente destas, segundo o avanço do desenvolvimento. Dessa maneira, a sexualidade migra entre determinadas regiões do corpo, denominadas zonas erógenas: boca, esfínteres anal e vesical. Em diferentes etapas do desenvolvimento, em concordância com a função somática central a cada momento, o potencial prazeroso se localiza em uma mucosa específica – cavidade bucal e paredes internas dos esfínteres – e se realiza por meio desta, ainda de uma forma autoerótica, ou seja, a sexualidade, em cada um destes momentos “[...] satisfaz-se no próprio corpo [...]” (FREUD, 1987, p. 169). Também os primeiros contatos com o prazer genital, na infância, são autoeróticos, incluindo os órgãos genitais igualmente como zonas erógenas no espectro da sexualidade. As funções, as zonas erógenas e suas mucosas podem ainda tornar-se sensíveis em seu conjunto, reservando ao corpo como um todo o potencial de proporcionar prazer. Num



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

primeiro momento, exatamente aquele que coincide com o autoerotismo, a sexualidade é considerada pré-genital; passa a ser genital a partir da adolescência, ao se completar a maturação sexual e se concretizar a satisfação sexual na relação com um parceiro. A sexualidade genital encontra plena expressão quanto mais o amadurecimento psicológico e emocional acompanhar o amadurecimento fisiológico, tornando-se, então, mais que uma nova perspectiva, uma realidade na vida do indivíduo, altamente significativa na composição de sua identidade e na manutenção de sua saúde integral.

Retomando a sexualidade pré-genital, há que se sublinhar que o fato de o desenvolvimento psicosssexual apoiar-se primeiramente na nutrição, posteriormente no controle dos esfíncteres e finalmente na estimulação genital encontra explicação na própria maturação do sistema nervoso: o ser humano nasce com diversas funções ainda por se desenvolver e se especializar, situação esta que é compatível com um cérebro cujo volume é passível de completar a travessia pelo canal vaginal no momento do parto (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). À medida que estas funções vão amadurecendo, refinando-se e se especializando, o controle motor e o desenvolvimento psicológico permitem que, de ações do organismo cujo objetivo é, antes de tudo, garantir a sobrevivência e atender a necessidades fisiológicas – inicialmente no âmbito de uma relação de dependência com a pessoa que cumpre as tarefas de cuidado infantil –, evolua-se para a autorrealização, integrando cada vez mais o indivíduo à sociedade, com qualidade de vida, rumo à independência, à autonomia e a uma identidade estabelecida.

Já o fato de que as funções de alimentação, controle de esfíncteres e estimulação genital sejam fundamentais na eleição da boca, do ânus e do canal vesical, e dos órgãos sexuais como zonas erógenas baseia-se na riqueza da vascularização de tais regiões e na conseqüente intensidade de estimulação que estas regiões encontram em sua proximidade com a epiderme e no contato com outros organismos, especialmente na amamentação e na relação sexual entre parceiros (REICH, 1975; 1995). Daí Reich (1995) haver definido os órgãos sexuais como especializados na descarga da energia do organismo. A seu tempo, estes cumprem tal função mais que qualquer outro órgão do corpo,



tendo sido precedidos, nas fases pré-genitais do desenvolvimento psicoemocional, pela boca, pelo ânus e pelo canal vesical, bem como pelos próprios genitais, sendo estes experimentados, na infância, por meio de uma estimulação autoerótica.

Baker (1980) acrescentou, com base em Reich, os olhos como outra zona erógena a ser considerada no corpo. A eles correspondem também uma função vital – o contato – e este contato pode ser prazeroso, além de ter o sentido de, por assim dizer, humanizar o organismo. Passando pelos olhos, boca, esfínteres e genitais, o fluxo energético tem a função de integrar o corpo ao mundo, tal seu movimento descendente. Como não somos somente corpo, mas também psiquismo, nesse caminho, a energia integra as funções do contato e da comunicação, da independência, da autonomia e produtividade, da identidade e também as direciona ao mundo.

O contato abrange não apenas a visão, mas todos os demais sentidos com os quais podemos interagir com o mundo. No processo de adaptação da espécie, a visão (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 123 e 124) “[...] proporciona a consciência de mudanças em características do ambiente físico de uma forma a adaptar o seu comportamento conforme essas mudanças”. Os olhos compreendem o mundo ao seu redor e comunicam os sentimentos. Como sentidos complementares entre si, visão e audição trabalham muitas vezes em conjunto: os olhos podem voltar-se àquilo que primeiramente é ouvido. Da mesma forma, olfato, paladar e tato têm seu valor na sobrevivência da espécie e são igualmente responsáveis pela integração do ser humano ao mundo.

Todos os sentidos, funcionando isoladamente ou em conjunto, guardam em si o potencial para a comunicação, na medida em que viabilizam o contato entre o que está fora e o que está dentro do organismo. Essa comunicação é imprescindível também do ponto de vista emocional. O isolamento sensorial pode provocar danos até mesmo irreparáveis à capacidade de contato com o mundo. Baker ressalta (1980, p. 45): “Um contato completo é vital ao desenvolvimento em geral, na medida em que promove a sensação de aceitação e de bem-estar, encorajando a expansão e a busca no meio ambiente.”



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Denominamos a etapa em que se evidencia o contato e a comunicação de “Sustentação” (VOLPI; VOLPI, 2008, p. 129). Tem seu início na fecundação e estende-se ao nascimento e às primeiras semanas de vida. Logo após a concepção, há um elevado gasto de energia, a qual provém do espermatozoide e do óvulo, fundidos no chamado zigoto. O termo sustentação traduz assim a nidação – fixação do zigoto nas paredes uterinas –, por volta do quinto ao sétimo dia de gravidez. A energia da célula em formação é inicialmente denominada autógena. Esta célula multiplica-se, formando o embrião e estabelecendo, por meio do cordão umbilical, a ligação entre o ser em formação e as paredes do útero da mãe. Nesse momento, a energia passa a ser denominada trofoumbilical. O útero é o primeiro ambiente em que se encontra o bebê durante seu desenvolvimento emocional, e nele o contato com a mãe se dá não somente de forma fisiológica, mas também emocional e energética. Daí a importância de que este útero seja receptivo, pulsante e acolhedor. A presença de figuras de apoio à mãe, como, por exemplo, o pai, durante a gestação, também é fundamental, dado que o afeto demonstrado ao bebê, por intermédio da mãe, alcança o ser em formação. O contato, primeiramente com o útero e posteriormente com as figuras humanas de referência é indispensável ao desenvolvimento emocionalmente saudável do ser humano, à sua sobrevivência emocional, tanto quanto o organismo é equipado com sentidos que são também responsáveis por sua sobrevivência biológica. Este contato primordial é fundamentalmente energético, corporal e emocional, e origina um ser que é, antes de mais nada, “[...] um sistema energético enormemente produtivo e adaptável que, por seus próprios recursos fará contato com seu meio ambiente e começará a dar forma a este meio ambiente de acordo com suas necessidades.” (REICH, 1983, p. 30)

A etapa seguinte, de “Incorporação” (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 133), é responsável pela possibilidade da independência. Estende-se do nascimento ao desmame, que idealmente deverá ocorrer por volta do nono mês de vida. A vivência da plena dependência no momento da amamentação, do vínculo com a figura que exerce a função materna, e até mesmo da simbiose que temporariamente une bebê e mãe em uma única célula narcísica é necessária





à construção da noção primitiva de não-eu e de eu. Ao experimentar a satisfação da necessidade vital de alimentação, de início, o bebê desconhece de onde provém tal satisfação. Apenas registra a experiência de equilíbrio homeostático por ser suprido e, ao mesmo tempo, o prazer em ser aconchegado no colo. A figura materna, nesse momento, promove a introjeção do mundo externo pelo bebê, começando pelo bico do seio ereto e preferencialmente disponível – quando o aleitamento materno é possível –, passando pelo sabor do leite, pelo cheiro da mãe, pelos olhos maternos a contatar os olhos do bebê de forma atenta e receptiva, pelas mãos quentes e acolhedoras e pelo contato epidérmico que envolve o bebê da mesma forma que anteriormente o útero o fez. “A pele é a ponte sensível do contato com o mundo... É o nosso órgão mais extenso, é o nosso código mais intenso, um lar de profundas memórias.” (LELOUP, 1983, p. 9).

O bebê é capaz de regular suas próprias necessidades de fome, demonstrando-a por meio do choro. Pouco a pouco, a alimentação do bebê vai ganhando um ritmo, que deve ser a combinação das necessidades naturais da criança e a realidade externa, representada pela figura materna. Com isso, constrói-se um outro lado da experiência, e, com ela, desenvolve-se no bebê uma memória rudimentar, composta por dois tipos de experiência: prazer e desprazer. Essa memória é de fundamental importância para o crescimento da consciência da separação entre bebê e meio, não-eu e eu. Na medida em que reconhece que a satisfação ou a frustração provém do meio, este passa a existir na consciência da criança; e se o meio existe, o si mesmo também. Gradativamente, o bebê descobre que não faz parte da mãe, como até então tinha a sensação, por manter com ela um contato simbiótico. Ao começar a se distanciar, explorando o ambiente e as pessoas à sua volta, passa a reconhecer a si mesmo (bebê) e ao outro (mãe). Naturalmente, sobrevêm os primeiros impulsos de sair do colo, engatinhar e arriscar os primeiros passos. O desmame se dá em relação ao seio e à situação de dependência e passividade.

Paralelamente, o amadurecimento físico, que permite que se incluam na dieta do bebê alimentos mais pastosos, coloca em funcionamento uma



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

capacidade mais refinada de digestão. Em outras palavras, o papel da amamentação perde naturalmente a sua força e o organismo humano passa a ter participação maior na digestão dos alimentos. Essa função equivale, a nível emocional, à possibilidade da independência, de sermos separados e nos reconhecemos como seres únicos e responsáveis por nós mesmos.

Capaz de se perceber separada da mãe, a criança entra na fase de “Produção” (VOLPI; VOLPI, 2008, p. 137). Esta etapa tem seu início com o desmame e se estende até o terceiro ano de vida. Ao exercer plenamente sua condição de independência também por meio de novas aquisições físicas e cognitivas, que se traduzem na mobilidade e na memória que torna possível a constância das figuras de referência, é hora de alcançar a autonomia. O ritmo próprio, que num primeiro momento desta etapa diz respeito eminentemente ao controle esfinteriano, dá o compasso desse alcance. Estabelecem-se a consciência de si mesmo, dos limites a serem respeitados, e da dimensão dos desafios a serem aceitos na vida.

A satisfação e o orgulho de realização da criança ao poder controlar a eliminação das fezes e da urina é de fundamental importância para a manutenção do senso de si mesma. A energia da criança está inteiramente voltada à construção de pensamentos e ações, com base na percepção das emoções, e tudo isso se faz notar por meio das brincadeiras, dos jogos, dos relacionamentos, etc. Nota-se uma clara evolução do brincar simples e repetitivo para o brincar construtivo, que inclui jogos imaginativos. Mais tarde, tornam-se possíveis igualmente os jogos com regras, uma vez que limites e possibilidades tenham sido elaboradas pela criança. Cresce a autoconsciência e concretiza-se a perspectiva do autodomínio, inclusive sobre as próprias reações e expressões emocionais. Autodomínio, aliás, é um dos critérios de saúde propostos por Lowen (1986). Em conjunto com a autopercepção e a autoexpressão, alcança um importante patamar de realização nessa etapa do desenvolvimento, uma vez que seja mantida a espontaneidade e a criatividade própria do organismo humano.

A aquisição final do desenvolvimento é a identidade. As etapas correspondentes são a de “Identificação” (VOLPI; VOLPI, 2008, p. 138) e de





“Formação do caráter” (VOLPI; VOLPI, 2008, p. 140), que ocorrem entre o quarto ano de vida e a puberdade. Inicia-se com a exploração do corpo, especificamente dos genitais, e com a descoberta das diferenças sexuais entre meninos e meninas. Baker (1980, p. 50) assinala que esta etapa é marcada por “[...] um orgulho transitório pela descoberta do genital, que progride até se transformar numa apreciação completa das funções masculina ou feminina deste órgão”. Precisamente a diferença – “meninos têm pênis, meninas não têm...” – abre as portas à noção de gênero, sendo que a criança pode então se reconhecer como homem ou mulher, buscando compreender o papel social associado a cada um deles. Assim, é de suma importância que das diferenças sexuais anatômicas, meninas e meninos evoluam para a consciência de suas particularidades físicas – “meninos têm pênis, meninas têm vulva!”. Para que isso seja possível, particularmente nas meninas, é necessário que a energia prossiga seu caminho e vitalize a vulva e a vagina. Ao distinguir as diferenças e compreender as particularidades, meninos e meninas podem passar a ter uma ideia segura quanto ao sexo a que pertencem. Como órgãos especializados à descarga energética, conforme descrito por Reich (1975), o contato com os genitais é potencialmente prazeroso e a masturbação surge como alternativa para a vivência da sexualidade neste momento. A masturbação, nesse momento, dá-se pela fricção do genital, sem nenhuma intenção ou fantasia para além da estimulação autoerótica. Mais tarde, a masturbação dará lugar ao contato sexual entre parceiros, o que irá reforçar ainda mais a consciência de gênero e a identidade.

Assim, ao longo do desenvolvimento e com base em processos energéticos, corpo, intelecto, emoção e psiquismo encontram os recursos necessários para promover a integração intrapessoal no indivíduo e deste com o ambiente em que vive. Nas palavras de Baker (1980, p. 47), “O recém-nascido é capaz de regular seu próprio organismo segundo suas necessidades e só deve ser ensinado a não pôr sua vida em risco, a distinguir e a respeitar os direitos dos outros além dos seus”. Em nossa idade adulta, assim também pode ser.

.....



VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## REFERENCIAS

BAKER, E. **O Labirinto Humano**. Causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. VII, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 117-230.

GERRIG, R.; ZIMBARDO, P. **A Psicologia e a vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. Summus, 1986.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

REICH, W. **Cosmic superimposition**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1975.

REICH, W. **Children of the Future**. On the prevention of sexual pathology. 1<sup>st</sup> ed. New York: Farrar, Straus Giroux, 1983.

REICH, W. **A função do orgasmo**. 19ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995.

REICH, W. **Análise do Caráter**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. 2ª ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

VOLPI, J. H. **Particularidades sobre o temperamento, a personalidade e o caráter, segundo a Psicologia Corporal**. Curitiba, 2004. Disponível em <[www.centroreichiano.com.br/artigos/htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos/htm)>. Acesso em: 13/09/2009.

.....

## AUTORA

**Sandra Mara Dall'Igna Volpi/PR** - Psicóloga (CRP-08/5348), Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia. Organizadora e Presidente dos Encontros Paranaenses, Congressos Brasileiros e Convenções



**COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO**

11

VOLPI, Sandra Mara D. O espectro do crescimento: contato, comunicação, independência, produtividade, autonomia, identidade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos](http://www.centroreichiano.com.br/artigos). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Brasil/Latino-América de Psicoterapias Corporais. Diretora do Centro Reichiano. Curitiba/PR.

**E-mail:** [sandra@centroreichiano.com.br](mailto:sandra@centroreichiano.com.br)



**CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA**

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000  
(41) 3263-4895 - [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br) - [centroreichiano@centroreichiano.com.br](mailto:centroreichiano@centroreichiano.com.br)